

GÊNERO E VIOLÊNCIA

Eliana Pereira Silva

Assistente Social Sênior do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis, mestre Serviço Social - PUC/SP, especialista nas áreas de saúde e violência

elianaps@einstein.br

“Que nada nos sujeite, que nada nos defina. Que a liberdade seja a nossa própria substância.”

Simone de Beauvoir

Objetivos

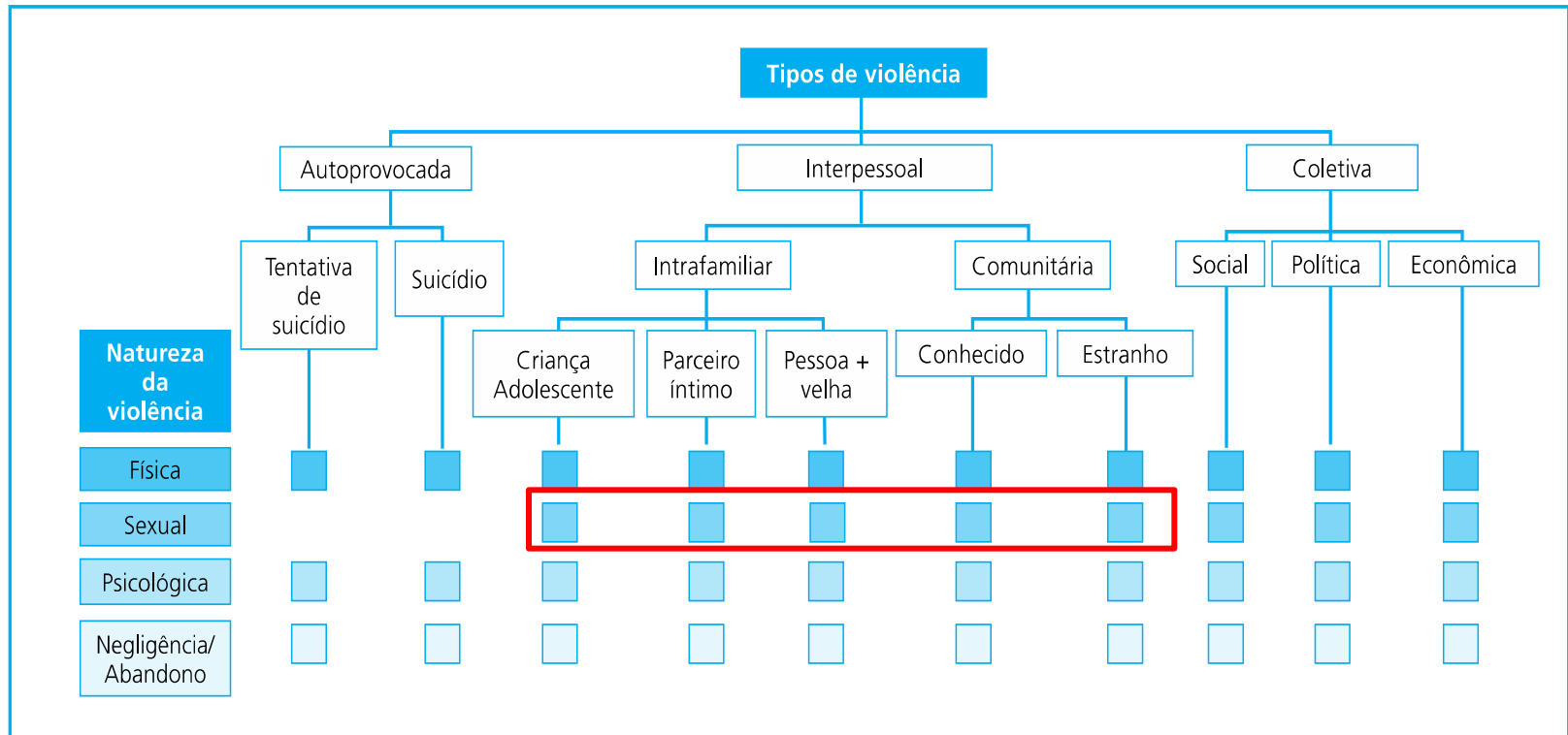
- Reflexão sobre as violências, especificamente, as relacionadas a violência de gênero ou violência contra a mulher;
- Debater sobre as questões presentes no cotidiano da comunidade de Paraisópolis;
- Compartilhar reflexões realizadas a partir da pesquisa de dissertação de mestrado – ***“Mulheres em situação de violência na favela de Paraisópolis – possibilidades de luta e resistência”***.

Violência

"Violência é o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002, p.5)".

Fonte: Relatório Mundial sobre violência e Saúde

Violência: Natureza e Tipo



Fonte: (KRUG *et al.*, 2002).

Violência

- Expressão da questão social na contemporaneidade
- Fenômeno complexo (multicausal)
- Diferenças transformadas em desigualdades
- Questão de saúde pública
- Violação de direitos humanos

Gênero

Construção social do masculino e do feminino em que as diferenças entre sexos, mediadas pelas relações de poder e hierarquia, são transformadas em desigualdades. Padrões e normatizações do que é ser homem e ser mulher diante das referências ou imagens coletivas (sociais) e ideias. (Saffioti, 2004).

Violência contra a mulher

Configura **Violência doméstica e familiar contra a mulher** qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

(Brasil, 2006)

- O *nó* entrelaçado pelas categorias - ***gênero, classe, raça e etnia*** (SAFFIOTI, 2004) se **articulam dialeticamente** e constituem **eixo estruturante da violência** que se configura como um tipo hierárquico que invade todos os espaços da sociedade.
- **Violência contra a mulher - questão de saúde pública e violação de direitos humanos** (MINAYO, 2006) (SCHAIBER, 2005);
- A violência representa a causa da metade as mortes por assassinato de mulheres, ocorrências expressivas de problemas de saúde, depressão e tentativas de suicídio. (OMS, 2002).
- Mulheres que vivenciam situação e violência têm mais dificuldade em negociar a prática de sexo seguro, o que as coloca em risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis (DST) e Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), além de outras repercussões, como a gravidez indesejada e problemas ginecológicos.
- O mapa da violência indica que nas últimas 03 décadas 92 mil mulheres foram assassinadas no Brasil, 43 mil foram assassinadas na última década. Segundo o mesmo relatório, os números indicam apenas a ponta do iceberg. (WAISELIZ, 2012).

- Todas as formas de violência, sejam elas familiares sexuais, tráfico de mulheres, violência institucional, violência contra as mulheres com deficiência, violência decorrente do racismo, lesbofobia, sexismo e femicídio são violações de direitos humanos das mulheres.
- Apesar dos avanços e do conjunto das conquistas históricas no campo dos direitos humanos, os direitos humanos das mulheres são continuamente colocados em risco e questionados.
- A violência e a desigualdade de gênero, associadas à desigualdade social, mitificam a possibilidade do exercício da liberdade de escolhas e ampliação das condições de direitos e cidadania das mulheres.

- Questão se apresenta no **cotidiano do trabalho** - público majoritariamente atendido pelas políticas sociais (saúde, educação, jurídico); entre outros.
- **Uma das expressões da questão social** que nos coloca demandas e desafios relevantes para o conjunto das políticas sociais - a exigência da elaboração de políticas efetivas de prevenção, atenção, enfrentamento e combate;

Natureza – Violência contra a mulher

- **Física** – qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
- **Psicológico** – qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, humilhação, manipulação, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir-lhe a liberdade, ou, ainda isolá-la do convívio social.
- **Sexual** – conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;
- **Patrimonial** – qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
- **Moral** – qualquer conduta que configure, difamação ou injúria.

Fonte: Brasil, 2006

- **Gênero – construção social do masculino e do feminino (SAFFIOTI, 2004)**, em que as diferenças entre os sexo, mediadas pelas relações de poder e hierarquia, são transformadas em desigualdades.
- **Violência** – complexo de caráter *sócio-histórico, saturada de múltiplas determinações contraditórias. Campo do vivido* e das determinações concretas da realidade social. Múltipla. (IANNI,2004), (MINAYO,2006).
- O **nó** entrelaçado pelas categorias - ***gênero, classe, raça e etnia*** (SAFFIOTI, 2004) se **articulam dialeticamente** e constituem **eixo estruturante da violência** que se configura como um tipo hierárquico que invade todos os espaços da sociedade.
- **Violência contra a mulher - questão de saúde pública e violação de direitos humanos** (MINAYO, 2006) (SCHAIBER, 2005);
- **Apesar de todas as mulheres, independente de classe, sofrerem a violência e a opressão da sua condição de gênero, essas opressões, no entanto, são vivenciadas de maneiras diferentes e de acordo com as condições materiais de cada uma – a classe as divide (CISNE,2012).**

- A violência representa a causa da metade as mortes por assassinato de mulheres, ocorrências expressivas de problemas de saúde, depressão e tentativas de suicídio. (OMS, 2002).
- Mulheres que vivenciam situação de violência têm mais dificuldade em negociar a prática de sexo seguro, o que as coloca em risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis (DST) e Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), além de outras repercussões, como a gravidez indesejada e problemas ginecológicos.
- O mapa da violência indica que nas últimas 03 décadas 92 mil mulheres foram assassinadas no Brasil, 43 mil foram assassinadas na última década. Segundo o mesmo relatório, os números indicam apenas a ponta do iceberg. (WAISELFIZ, 2012).

- Todas as formas de violência, sejam elas familiares sexuais, tráfico de mulheres, violência institucional, violência contra as mulheres com deficiência, violência decorrente do racismo, lesbofobia, sexismo e femicídio são violações de direitos humanos das mulheres.
- Apesar dos avanços e do conjunto das conquistas históricas no campo dos direitos humanos, os direitos humanos das mulheres são continuamente colocados em risco e questionados.
- A violência e a desigualdade de gênero, associadas à desigualdade social, mitificam a possibilidade do exercício da liberdade de escolhas e ampliação das condições de direitos e cidadania das mulheres.

Debate:

**COMO OS PROFISSIONAIS E AS
ORGANIZAÇÕES SOCIAIS PODEM
CONTRIBUIR?**

Abordagem que favoreça:

- Garantia de atendimento livre de julgamento moral; preconceito e senso comum;
- Capacitação e promoção de espaços de educação permanente sobre o tema;
- Promoção de atividades que favoreçam autonomia e desenvolvimento de habilidades das mulheres;
- Registro em prontuários e outros mecanismo que garantam visibilidade e acompanhamento das situações identificadas;
- Avaliação de risco, orientação para superação das situações, bem como oferta de informações e conhecimento sobre serviços de proteção;
- Articulação dos serviços voltados ao atendimento e grupos educativos numa perspectiva de integralidade;
- Encaminhamento para a rede intersetorial de serviços (centro de referências, abrigos, serviços de apoio jurídico, delegacia da mulher, ongs, etc);
- Promoção de trabalho educativo
- Valorização da postura interdisciplinar.

***Mulheres em situação de violência na favela
Paraisópolis - Possibilidades de luta e
resistência***

Eliana Pereira Silva

**Mestrado em Serviço Social - Pontifícia Universidade
Católica - PUC/SP (2014)**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz C. Abramides

Objeto

Análise e a apreensão da **violência** como uma das expressões da questão social e sua **inter-relação com as categorias classe, gênero e raça/etnia**, por meio do recorte do universo do **cotidiano das mulheres** moradoras da **favela de Paraisópolis** - percepções e vivências -, bem como as maneiras pelas quais forjam as estratégias de sobrevivência e **possibilidades de luta e resistência**.

Objetivos

- A percepção das mulheres sobre a vivência da violência, a violência dirigida diretamente a elas e o significado atribuído às suas experiências;
- Conhecer as formas como se organizam, resistem, *ou não*, às diversas formas de violência;
- Identificar as expressões, possibilidades de resistência e luta no cotidiano.

Paraisópolis

Sujeitos e universo da pesquisa

✓ Mulheres moradoras da favela Paraisópolis e participantes das atividades promovidas pelo Programa Einstein na Comunidade (PECP).

✓ Lideranças da Associação de mulheres de Paraisópolis



Procedimentos metodológicos

Pesquisa Qualitativa - Narrativas orais

- Identificação dos sujeitos da pesquisa

Macabéa

Narrativa marcada pelo enredo de sonhos, esperanças e desejos de relacionamento amoroso. O nome foi emprestado da personagem principal da obra *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector).

Sol

Uma das maneiras pela qual a entrevistada gosta de ser chamada. Cabelos alourados, roupas de verão, alegre e animada. Caracteriza um tipo de mulher solar.

Maria

Diz respeito à característica maternal do personagem. Maria é aquela que sofreu por seu filho. Personagem com a qual ela se identifica muito.

Oyá

É mãe de santo. O nome do Orixá deve-se ao fato dela ser um tipo de mulher forte e lutadora.

Procedimentos Metodológicos

*Pesquisa documental –
prontuário social
história e caracterização de
Paraisópolis*

*Diário de campo e anotações da
trajetória de atuação no campo
da autora*

*Entrevista em grupo lideranças
Associação de Mulheres de
Paraisópolis*



Fonte: território ativo.blogspot.com



Fonte: Fotos produzidas por – Fernando Freitas
Facebook - As Donas de Paraisópolis

Caminho teórico metodológico

- **Violência** – complexo de caráter *sócio-histórico, saturada de múltiplas determinações e contradições. Campo do vivido e das determinações concretas da realidade social Múltipla.* (IANNI,2004), (MINAYO,2006);
- Violência como **questão de saúde pública e violação de direitos humanos** (MINAYO, 2006) (SCHAIBER, 2005);
- **Gênero e Violência** – *nó* entrelaçado pelas categorias - *gênero, classe, raça e etnia* (SAFFIOTI, 2004);
- **Sobreviver na Adversidade** – transitar entre fronteiras, arte do contornamento, capacidade de inventar outros possíveis. TELLES (2006, 2010); HIRATA (2010) e FELTRAN (2010);
- **Cotidiano** – Esfera da vida em que os homens reproduzem os seus valores, sua moral, seus sentimentos, condições objetivas e subjetivas de existência. Possibilidades de transgressão, reflexão, crítica, suspensão e resistência. (HELLER, 2008); BARROCO (2010, 2011)
- **Resistência** – sabedoria popular, como os sujeitos constroem suas formas de vida, independente dos valores e normativas dominantes. Conformismo e Inconformismo. Ambigüidades. (CHAUI, 1986, 2011) e SAFFIOTI (1994)

Quadro 1 – Situação Socioeconômica – mulheres pesquisadas nas narrativas

Nome	Idade	Raça/ Etnia	Escolaridade	Procedência	Estado Civil	Ocupação	Renda/ Autonomia
<i>Macabéa</i>	54	Negra	Não alfabetizada	Minas Gerais	Solteira	Catadora	Trabalho eventual (placa no farol aos finais de semana). Leva crianças para a escola. Recebe BPC da filha adolescente
<i>Sol</i>	42	Branca	Ensino fundamental	Ceará	Solteira	Diarista	Trabalhos eventuais como diarista. Recebe aluguel social da prefeitura
<i>Maria</i>	34	Negra	2º ano do ensino fundamental	Pernambuco	Solteira	Auxiliar serviços gerais	Prestadora de serviços do município (escola municipal)
<i>Oyá</i>	41	Negra	Ensino médio completo	Ceará	Solteira	Desempregada	Realiza “bicos” e trabalhos eventuais. Recebe ajuda de amigos e vizinhos. Conta com o apoio das organizações sociais



Pobreza e Violência Estrutural chão das diversas formas de violência

Vulnerabilidade do trabalho instável, a ausência de serviços que respaldem o exercício da maternidade, abandono, **banalização e naturalização da violência**, descaso, além da falta de proteção e ausência de garantia de direitos essenciais acompanham as histórias dessas mulheres.

Quadro 2 – Gênero e violência – mulheres pesquisadas nas narrativas

Nome	Violências	Agressor	Saúde	Demandas Associadas	Observações
Macabéa	<ul style="list-style-type: none"> - Física e abandono familiar (infância) - Física, sexual e psicológica (ameaças) 	<ul style="list-style-type: none"> - Madrasta - Parceiros íntimos (ex-companheiros, namorado) 	<ul style="list-style-type: none"> - Faz uso de bebida alcoólica. Refere momentos de depressão. - Hipertensão. Queixa de dores recorrentes no corpo 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de subsistência - Dificuldade de acesso a serviços especializados - Necessidade de acompanhamento familiar 	<ul style="list-style-type: none"> - Suspeita de abuso sexual da filha pelo último namorado
Sol	<ul style="list-style-type: none"> - Física e suspeita de abuso sexual (infância) - Física, sexual e psicológica 	<ul style="list-style-type: none"> - Mãe, - Vizinho da família - Parceiros íntimos 	<ul style="list-style-type: none"> - Nunca foi ao ginecologista (ex-companheiro não permitia) - Tentativa de suicídio 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de subsistência - Acompanhamento em relação à urbanização 	<ul style="list-style-type: none"> - Ex-usuária de <i>crack</i> - História de rua - Exploração sexual
Maria	<ul style="list-style-type: none"> - Física e abuso sexual (infância) - Física e psicológica 	<ul style="list-style-type: none"> - Padrasto - Parceiros íntimos 	<ul style="list-style-type: none"> - Não refere queixa de saúde 	<ul style="list-style-type: none"> - Filhos em situação de rua (fogem de casa); envolvidos em pequenos furtos e uso de drogas. Conflitos e questões relacionadas à falta de autoridade 	<ul style="list-style-type: none"> - Filho assassinado pelo crime - Cotidiano gira em torno dos cuidados com os filhos
Oyá	<ul style="list-style-type: none"> - Abuso sexual (infância) - Negligência e abandono familiar - Ameaça 	<ul style="list-style-type: none"> - Avô - Cunhado - Patrão - Ex-companheiro - Companheiro da filha 	<ul style="list-style-type: none"> - Problemas vasculares, depressão, tentativa de suicídio, diabetes, entre outros 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de subsistência - Filhos em situação de risco social (fora da escola) e uso de drogas 	<ul style="list-style-type: none"> - História de rua - Mendicância - Filha sofre violência do companheiro - Articulada e circula com o pessoal do crime

Expressão da violência a partir das narrativas das mulheres e lideranças

Minha infância foi trabalhando na roça. Eu nunca pude estudar. Trabalhava e cuidava da casa. Ia buscar lenha por dentro dos matos. Eu era a que mais apanhava em casa (Macabéa)

Eu tive uma infância boa. (...) Lembro muito de um homem que ia à casa da vizinha da minha mãe e me dava muitas coisas. E ele pegava assim nos meus seios... É a primeira vez que eu estou contando isso para alguém. (silêncio) . Eu sinto assim, que, na maioria da vida, eu fui abusada de homem (...) (Sol).

Era sempre de noite que ele vinha me ameaçar de me matar e matar a minha avó. Eu fui molestada por ele dos 08 anos até 12 anos. Nessa época eu não dormia. Como acontecia sempre a noite. Eu não dormia... (Oyá)

E também tinha esse problema, que eu era mocinha, tinha 14 anos, minha tia tinha ciúmes do meu tio também. Começou o inferno. Ele me pegou e me jogou na rua. Eu estava de short, top, chinelo e foi assim que me mandou ir embora. Mandou-me ir embora porque estava dando em cima do meu próprio tio. Ela não acreditou em mim.... Eu virei mendiga, então. Passei muitos anos morando na rua (Oyá).

Expressão da violência a partir das narrativas das mulheres e lideranças

A gente está do lado do Morumbi, com padrões de vida e acesso totalmente diferentes. (...) Violências – psicológica, sexual e física – são diversas as formas de violência que a mulher sofre e é coagida sistematicamente (Elizandra – liderança comunitária)

Fica uma coisa assim: Eu sou seu dono, eu digo o que você pode e não pode fazer. (...) É um sentimento de posse mesmo. A mulher é sexo frágil, porque isso é bom para o sistema. (Rejane – liderança comunitária).

Eu não acho que as leis protegem não. Uma vez, fui na delegacia da mulher e não resolvi nada. Um dia, fui reclamar das surras, por eu o pai dos meninos me batia demais, ela (delegada) disse pra mim: Deixa esses meninos crescerem (silêncio). (Macabéa).

Sofri o pão que o diabo amassou na mão do meu padrasto. Eu vivi muita humilhação. (...). Meu padrasto tentou por várias vezes abusar de mim. Eu contava para minha mãe, mas ela não acreditava. (...). Quando eu tinha 12 anos, minha mãe pedia para ele vir me acordar e ele vinha direto nos meus peitos. Tanto lugar para ele pegar, mas ele vinha direto nos peitos. Eu falava para ela, mas ela não acreditava nisso. (Maria)

A arte de sobreviver na adversidade



(...) saber transitar entre fronteiras diversas, deter-se quando é preciso, avançar quando é possível, fazer o bom uso da palavra certa no momento certo, calar-se quando é o caso. E, sobretudo, saber jogar com as diversas identidades que remetem a esses diversos **universos superpostos e embaralhados** nas coisas da vida. Em outros termos, como passadores que são entre as fronteiras do mundo social, saber transformar esses diversos territórios em recursos de vida, vias incertas de construção de outros possíveis que lhe permitam escapar seja da morte matada, seja da pobreza extrema (TELLES, 2007, p. 216).

Quadro 3 – Vínculos relacionais e comunitários – mulheres pesquisadas nas narrativas

Nome	Religião	Composição Familiar	Rede Social	Convivência Social/Participação	Observações
Macabéa	Católica	Filhos: D. (18), M. (20), M.P. (15), T. (20), J. (22), A. (23), B.	- Recorre ao apoio de vizinhos - Programa social - Articulada e conhecida na comunidade	- Forró, passeios, Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis (PECP) - Foi envolvida com projeto de cooperativa coleta seletiva	- Filhos envolvidos com crime e reclusão - Cotidiano marcado por questões relacionadas à proteção e ao cuidado com os filhos
Sol	Umbandista	Filhos: B. (21), J. (16), T. (18) Namorado: M. (31)	- Amigos - PECP	- Centro de Umbanda, Bailes <i>funk</i> . Inclui o Facebook como forma de lazer	- Ex-companheiros envolvidos com crime na comunidade - Já foi sete vezes para o debate*
Maria	Evangélica	Filhos: M. (15), Y. (12), A. (9), R. (7) Companheiro: A. (28)	- Igreja - PECP - Familiares - Diretora da escola onde trabalha	- Igreja	- Mora em região influenciada pela dinâmica do tráfico - Conflitos com vizinhos e amigos envolvidos com crime
Oyá	Candomblé	Filhos: I. (16), L. (13) Genro: J. (20)	- Filhos de santo - Amigos - PECP	- Casa de amigos	- Trabalhou na biqueira no Jardim Ângela, Paraisópolis, lugar de proteção - Articulada em relação aos recursos da comunidade.



Mulheres que vivem no limite das violências e que transformam os territórios em recursos de vida e construção de outros possíveis.

Histórias enoveladas com forte componente de gênero, entrelaçadas nas tramas dos **ilegalismos, margens e dobras** da produção da riqueza, na reconfiguração do mundo do trabalho, na interface com o narcotráfico, entre outros.

A gente sabe que aqui tem formas de resolver (...). Um dia, precisei chamar os meninos daqui, aí eles falaram: Bater em mulher não se bate. Bater em mulher é covardia. E eles pegaram ele (ex-companheiro) no cacete (...). E também precisei chamar outra vez para o marido da minha filha que queria me furar. Eu chamei e levaram ele para o Palmeirinha e quase mataram. Eu é que não deixei. Pedi para parar (Macabéa).

Aqui ainda tem centro de umbanda na comunidade, mas dizem que, igual ao meu não tem. Porque, onde eu fui iniciada o princípio é que a gente tem que ajudar o próximo . Eu acho que é daí que sai a minha força. (Oyá).

Uma vez, precisei chamar a polícia para A. porque ele queria me queimar em casa, com meus filhos. (...). Chamei a polícia e veio um monte. Mas, as coisas eram diferentes, por que os caras não se importavam tanto com isso de chamar a polícia. Agora eles não querem de jeito maneira. Por que, se agora, eles encontram ele, hoje eles matavam. Porque hoje é assim. (...) Se o cara bater na mulher – eles falam a primeira vez, falam a segunda e aí eles matam. (...) (Maria)



Quais as possibilidades de luta e resistência diante de um cenário marcado por tanta iniquidade?

A partir de muitas mobilizações e questionamentos - o que nos foi possível aproximar...

Considerações gerais



Os ciclos contínuos de violência também estão no enredo de histórias afetivas; vínculos de amor; dependências; ambigüidades e contradições, questões que dificultam perspectivas de enfrentamento e resistência. (p.121).

Mulheres vítimas de violência, ao percorrerem caminhos de suas histórias adotam atitudes propositivas diante e a partir da tomada de consciência dos danos causados para si e para suas crianças diante do contexto de violência e maus-tratos, nas lutas cotidianas por melhores condições de vida, o acesso aos direitos, especialmente em relação aos filhos, por melhores condições de formação, na gestação de novos sonhos; participando de espaços coletivos de formação e discussão, entre outros.

Considerações gerais

A violência se manifesta nas variadas formas de expressão – inter-relacionadas com a violência estrutural – se apresentam no cotidiano com aparência reificada, como fenômenos naturais e absolutos. De modo geral, as mulheres não identificam parte significativa das suas vivências como violências.



Considerações gerais



Há resistência no cotidiano e nas formas de viver a religião, nas formas de se relacionar com a sexualidade, na forma como transitam entre as redes de solidariedade e o poder local, há resistência na esperança do amor e nas possibilidade de dias melhores.

(p. 117).

Lideranças comunitárias têm clareza e conhecimento sobre a questão da violência contra a mulher, articulada a questão da violência estrutural. E se reconhecem como iniciativa importante da organizações de mulheres e com potencial protagonista para influenciar as transformações necessárias no espaço comunitário. No entanto, não se sentem confortáveis com as discussões feministas e vinculação com projetos relacionados.

As coisas começaram a melhorar quando comecei a participar dos grupos (...)
Quando comecei a participar, eu era muito nervosa. Muito agitada. Não gostava de conversar e era fechada. Agora sou bem diferente. (Oyá).

Gosto de participar de atividades que envolvem mulheres e essa discussão da violência (...) se conversar sobre vai ajudar outras mulheres, faço questão de ajudar!
(Sol).

Nós temos tanta condição quanto os homens. Precisamos sair da zona de conforto. Não somos coitadinhas e precisamos mostrar isso para as outras companheiras. Nós não somos o sexo frágil. Nós movimentamos o País hoje (...). Estamos ganhando espaço e para isso precisamos estar preparadas. Quero deixar uma marca importante aqui na associação – que é trazer as mulheres pra cá e discutir políticas públicas com elas. (Rejane – liderança comunitária).

Apesar de tudo, tudo evolui muito. Graças ao movimento de mulheres e as várias ações mais coletivas, diminui um pouco esse drama, essa sensação... A gente tem um papel – as mulheres que tem um pouco mais de conhecimento e que consegue se libertar um pouco da situação tem o dever de tentar abrir os olhos das outras mulheres. Eu não precisam ser contra os homens, porque eles foram educados assim. Tem um problema cultural enraizado (...) (Rejane – liderança comunitária).

O Brasil tem uma dívida grande com a mulher e o povo negro. O desemprego é maior para a mulher negra, o analfabetismo. (...). É uma questão histórica (...). Os quilombos foram formas de resistências e nas cidades, as favelas – essas foram as formas que se encontrou para manter a própria vida, uma forma de sobreviver. E é claro que tudo isso se reflete hoje na realidade das periferias. (...) Trata-se uma dívida histórica (...). As mulheres foram violentadas, privadas dos seus direitos desde sempre (...). O Brasil é um país racista. E damos pouca importância para isso (...). (Elizandra – liderança comunitária).

Considerações gerais

No horizonte das lutas imediatas, as possibilidades de luta e resistência estão colocadas mediante a ampliação de acesso aos direitos essenciais, condição necessária e fundamental para efetiva organização coletiva e de resistência das mulheres.





Crédito fotos: Fernando Freitas – Fotografia (facebook)

Álbum – As donas de Paraisópolis